

TAUNAY E A NARRATIVA HISTÓRICO-LITERÁRIA DA GUERRA DO PARAGUAI

Mileidi Ferreira de Castilho - Bolsista CNPq ¹
José Antonio de Souza - Orientador ²

¹ Estudante do Curso de Letras da UEMS, Unidade Universitária de Cassilândia; E-mail: mileidi.castilho@hotmail.com

² Professor do Curso de Letras da UEMS, Unidade Universitária de Cassilândia; E-mail: joseantonio@uems.br

Linguística, Letras, Artes.

Resumo

O Paraguai, depois de grande luta, tornou-se independente em 1811. Ainda na primeira metade do séc. XIX, este país era tido como uma exceção aos países sul-americanos, principalmente pelo fato de passar por uma evolução econômica sem que, para isso, obtivesse empréstimos junto a países europeus. A Guerra do Paraguai deixou resquícios negativos aos quatro países diretamente envolvidos no conflito: Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. É relevante ressaltar que apesar das dificuldades enfrentadas pós-guerra, a luta travada é de suma importância, particularmente para os sul-mato-grossenses, pois foi após a guerra que os limites entre Paraguai e Brasil foram redefinidos. Em termos literários, o primeiro registro que possuímos do conflito é *A Retirada da Laguna*, de Taunay, obra que foi publicada pela primeira vez em 1871, ou seja, logo após o término da Grande Guerra. Nesta obra temos a caracterização dos protagonistas da Guerra contra o Paraguai e vale lembrar que o autor também fora “personagem” no conflito. Assim, nossa pesquisa objetivou analisar a obra *A retirada da Laguna*, tentando evidenciar os procedimentos literários utilizados pelo autor, para a descrição do acontecimento histórico: uma das muitas batalhas ocorridas durante a Guerra do Paraguai.

Palavras-chave: Guerra. História. Literatura.

Introdução

CHIAVENATO (1996) salienta que em meados do século XIX, intensifica-se a crise econômica no Brasil agravada pelo sistema escravista em declínio e isso conduz o país ao endividamento e coloca a economia em situação cada vez mais dependente da Inglaterra. Assim como o Brasil, a Argentina estava “empenhada” junto a bancos ingleses. Já o Uruguai prende-se também à dominação econômica inglesa por meio de Mauá - a capital do país é remodelada com seus empréstimos. Conforme observam GRESSLER E VASCONCELOS (2005), preocupado com as intenções do Brasil quando este invadiu o Uruguai em 1864, o Marechal Solano Lopez resolveu declarar guerra ao Brasil. López inicia a guerra seqüestrando o navio brasileiro Marques de Olinda, que transportava o futuro governador da província de Mato Grosso, Frederico Carneiro de Campos, e várias autoridades que o acompanhavam para a posse; logo em seguida, os paraguaios invadem a província de

Mato Grosso, ocupando grande parte da região que hoje é Mato Grosso do Sul. Com o início da guerra, Brasil, Argentina e Uruguai uniram suas forças formando a Tríplice Aliança. Na guerra, foram empreendidas várias batalhas: batalha do Riachuelo, Batalha de Tuiuti, Batalha de Curupaiti e outras. Outro episódio bastante conhecido da guerra rendeu a Taunay a publicação, primeiro em francês, do livro *Retirada da Laguna*. Taunay acompanhava a Força Expedicionária do Mato Grosso. Os confrontos descritos na *Retirada da Laguna* descrevem a luta de brasileiros que, sob o comando do coronel Carlos Moraes Camisão e guiados pelo fazendeiro da região José Francisco Lopes – o Guia Lopes -, invadiram a Fazenda Laguna, em território paraguaio, de propriedade de Solano López.

A valorização das batalhas, desde a época colonial, e, posteriormente, pela emancipação política da região sul do estado de Mato Grosso pode ser percebida pelo próprio hino do estado de Mato Grosso do Sul: a última estrofe traz os nomes daqueles que participaram da Guerra do Paraguai, bem como daqueles que, mais tarde, alimentaram o sonho separatista que fundou nosso Estado.

Nossa pesquisa teve como objetivo principal analisar a obra *A retirada da Laguna*, tentando evidenciar os procedimentos literários utilizados pelo autor, Taunay, para a descrição do acontecimento histórico: uma das muitas batalhas ocorridas durante a Guerra do Paraguai. Para tanto empreendemos uma pesquisa de revisão bibliográfica e de análise literária pautada em princípios comparatistas, uma vez que, além da obra de Taunay recorreremos a textos de historiadores que narram o mesmo episódio, com o intuito de ressaltar os aspectos literários presentes na narrativa do autor romântico.

Resultados/Discussões

É importante notar que o texto literário e o texto histórico muitas vezes se aproximam, mas também possuem distinções. Ambos são construídos pela linguagem podendo assim estar submetidos a vários tipos de análise, em diferentes períodos sobre diversos “olhares”. Tanto a escrita da história, quanto da literatura são narrativas, sendo assim ambas tem seus personagens e o fato narrado pode ter ocorrido ou não.

Conforme JOBIM (2008) é sempre muito complicado pretender falar sobre qualquer texto, sem falar sobre contexto. Dessa forma nota-se que o contexto sempre influencia na escrita, sobretudo da história e literatura. O autor salienta que um problema sobre o qual não se tem falado suficientemente é o da influencia da perspectiva do presente na escrita sobre o passado. A história em si é a “escrita do passado” e pode-se afirmar que a distância temporal tem efeitos nesta escrita. Já a literatura de acordo com LIMA (2006) é movida pela

imaginação quando dotada da capacidade de co-mover, de conduzir o receptor a questionar emocionalmente as instituições sociais que o acompanham. JOBIM (2008) observa que de certa maneira a história da literatura busca explicitar e configurar contextos a partir dos quais se dá sentido aos textos que nela figuram. De acordo com ECO (2003), no máximo “devemos” reconhecer que a nossa história tem sido movida por muitos contos que hoje consideramos falsos e tal fato contribui para nos tornarmos atentos, capazes de recolocar continuamente em questão os próprios contos que hoje julgamos verdadeiros, pois o critério da sabedoria da comunidade funda-se na vigilância contínua em relação à falibilidade do nosso saber.

De acordo com DORATIOTO (2007), Moraes Camisão temeroso de novos comentários contra si caso ordenasse o recuo das tropas brasileiras que a lógica exigia, apegou-se à notícia da existência de um grande rebanho na fazenda Laguna pertencente a Francisco Solano Lopez, porém na Laguna não se encontrou nenhum gado, mas sim inimigos. Sabe-se que Laguna foi ocupada em 1º de maio de 1867. Contudo a coluna encontrava-se sem recursos logísticos e sem força militar suficiente, com isso o coronel Camisão teve que recuar em sua decisão de alcançar Concepción e ordenou, em 7 de maio de 1867, a retirada para Nioaque, que ficou conhecida como a Retirada da Laguna.

Como salienta DORATIOTO (2007) a retirada foi feita sob constantes ataques dos paraguaios que arrebatarem à coluna, o gado de corte, o que levou novamente, à fome. Os soldados brasileiros marcharam famintos, sob incessantes tempestades e por terreno pantanoso; tinham a incomodá-los, além dos inimigos, piolhos e a vitimá-los o cólera e outros problemas de saúde, decorrentes de contraste entre o frio glacial noturno e o calor escaldante diurno. É pertinente lembrar que para encurralar os retirantes, as forças paraguaias atearam fogo no mato alto e seco, que os asfixiava e os instava à rendição, sempre recusada. Também é importante lembrar-se da decisão dramática que Camisão tomara: de abandonar mais de 130 soldados doentes, que aceitaram, resignados seu destino. Deixados em uma clareira juntos com um cartaz destinado ao inimigo com a frase “compaixão dos coléricos” foram mortos por seus perseguidores. Pouco depois, o cólera atingiu o próprio coronel Camisão e ainda José Francisco Lopes, guia da coluna, matando ambos e a outros companheiros. Taunay em seu livro comenta como fora a morte do Coronel Camisão:

façam seguir as forças, que vou descansar”. E assim expirou [...]
Numa cova aberta, sob grande árvore, no meio da mata, na escuridão da noite, enterrou-se o Coronel, com seu uniforme e insígnias. (TAUNAY, 2005, p.145).

DORATIOTO (2007) observa que repelindo os ataques inimigos, o que restou da Força Expedicionária Brasileira alcançou Nioaque em 4 de junho e foi nesta localidade que sofreram mais um ataque devido a uma armadilha montada pelos inimigos, acarretando a morte de quinze brasileiros. A partir desse momento a força retirante viu-se livre dos paraguaios e marchou no mesmo dia para Porto Canuto. No rio Aquidauana, aonde chegou em 11 de junho de 1867, a força estava reduzida a setecentos combatentes; neste local encontrava-se o coronel Lima e Silva, que abandonara Nioaque com seus homens e o arquivo da coluna. Terminava assim a Retirada da Laguna. É pertinente ressaltar que em *A Retirada da Laguna*, Alfredo d'Éscagnolle Taunay, o Visconde de Taunay se apresenta como narrador e "personagem" que conta a história, ou seja, o fato passado, porém em uma perspectiva atual no presente, como se observa na própria dedicatória, sendo assim observa-se que a narrativa, sobretudo, atende a preceitos sociais da época. Na citação abaixo nota-se a presença de alguns personagens histórico-literários, uma vez que participaram ativamente na "construção" da narrativa da retirada da laguna, um deles homenageado no hino de Mato Grosso do Sul, o coronel Carlos Moraes Camisão, o outro que foi o principal personagem da guerra, que guiou a expedição, o guia Lopes.

Por todas estas razões, nele encontrou o coronel Camisão apaixonado adepto. Desde que, dando-lhe a conhecer os seus projetos, acenou a José Francisco Lopes com o ensejo de, como guia da expedição, ir ter com a família e vingar-lhe os agravos, empolgou o espírito sertanista brasileiro que, apesar de todo o ardor, jamais perdeu, contudo, a perfeita intuição das conveniências. Assim nunca esquecendo a modéstia da posição, freqüentemente dizia: "Nada sei, sou sertanejo; os senhores que estudaram nos livros é que sabem." (TAUNAY, 2005, p.57,58).

No trecho abaixo, a narração está em primeira pessoa do plural; deste modo inclui o narrador e outros personagens. Também temos a presença de termos "subjativos", ou seja, abstratos "A perdiz, disse-nos, voa do ninho", esta fala é uma personificação, ou seja, o autor atribui uma característica humana a perdiz: a fala, e esta característica é própria da literatura.

Estava no auge da alegria, o olhar como o de um rapineiro, a fitar Bela Vista, que começávamos a avistar. De repente, no momento em que acabávamos de chegar ao seu lado, percebemos que a fisionomia se lhe anuviara: "A perdiz, disse-nos, voa do ninho e nada nos quer deixar, nem os ovos". Mostrava ao mesmo tempo tênue fumo que subia aos ares. "São as casas de Bela Vista que incendiaram". (TAUNAY. p. 78)

Ao observarmos a fala dos personagens, percebe-se que estão sempre colocadas entre aspas, ou seja, são também contadas pelo narrador, assim podemos observar no trecho abaixo a fala do coronel Camisão, que aparece entre aspas.

Depois, voltando os olhos, já vidrados, para o seu ordenança exclamou em tom de comando: "Salvador, Dê-me a espada e o revólver".

Procurou afivelar o talim e exatamente nesta ocasião deixou-se rolar no chão murmurando: "Façam seguir as forças, que vou descansar". E assim expirou. (TAUNAY, 2005, p.145)

São notórios os procedimentos utilizados pelo autor para a escrita da narrativa histórico-literária, uma vez que toda a linguagem utilizada é pautada em descrições minuciosas, com função de informar, mas também de despertar no leitor certa emoção.

Conclusão

Percebemos que apesar das dificuldades enfrentadas pós-guerra, a luta travada é de suma importância, principalmente para nós, sul-mato-grossenses, pois foi após a guerra que os limites entre Paraguai e Brasil foram demarcados; *A Retirada da Laguna* é, sobretudo, uma grande obra de literatura- histórica (uma vez que podem ser observados tanto procedimentos literários quanto procedimentos que visavam ao registro histórico), sobre a Força Expedicionária do Mato Grosso, que reuniu cerca de 3.000 homens de vários estados brasileiros e estes tinham como objetivo retomar as terras ocupadas pelos paraguaios.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsa à Iniciação Científica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) que concedeu a bolsa para a realização da presente pesquisa.

Referências

CHIAVENATO, J. J. **A guerra contra o Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DORATIOTO, F. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

ECO, Umberto. **Sobre a Literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GRESSLER, L. A. e VASCONCELOS, L. M. **Mato Grosso do Sul**: aspectos históricos e geográficos. Dourados/MS, 2005.

JOBIM, J.L. Literatura e história. In: NITRINI, S. (Org.). **Literaturas, artes, saberes**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: ABRALIC, 2008.

LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

TAUNAY, V. **A Retirada da Laguna**. São Paulo: Martin Claret, 2005.